

Henriqueta Lisboa e Gabriela Mistral: entre o ensinar e o fazer canção¹

Kelen Benfenatti Paiva (UFMG)

A amizade literária uniu a poetisa das montanhas à escritora dos Andes, o interesse comum pela literatura proporcionou o intercâmbio intelectual. As distâncias geográficas foram encurtadas pela correspondência, como bem se mostra o conjunto de cartas de Gabriela Mistral endereçadas a Henriqueta Lisboa², quinze documentos escritos de 1943 a 1946.³

A troca de livros foi outra forma de “convívio intelectual”, e nesse diálogo se insere outro nome feminino das letras, Cecília Meireles, uma amiga em comum das escritoras, que se coloca como mediadora no ir e vir de livros e de notícias. Em novembro de 1937, escreve a Henriqueta: “Agradeço-lhe muito o seu livro, que li com a ternura que você merece. Ainda há pouco tinha tido ocasião de dar a Gabriela Mistral o seu *Enternecimento*; eu não a esqueço, e não só a admiro como lhe quero bem”⁴. Em outros momentos da correspondência, tal mediação também se evidencia, como em um bilhete sem indicação de data em que Cecília escreve: “Henriqueta só tenho tempo para juntar ao livro de Gabriela o meu carinhoso abraço”.

É Cecília ainda quem dará a Henriqueta notícias sobre a escritora chilena no Rio, sobre suas viagens ou assuntos referentes a seus contatos com a intelectualidade brasileira. Em carta de 8 de fevereiro de 1946, ela critica a imprensa brasileira por tentar “nublar” a alegria de Gabriela Mistral pelo prêmio Nobel:

Espanta-me que os homens insistam em cultivar seus poderes de ódio, quando os do amor são mais fecundos e deliciosos! Oxalá Gabriela não se demore aqui, para não sofrer coisas mesquinhas. Por muito que eu a estime e deseje perto, oxalá parta logo para a América onde a aceitem com o seu prêmio sem restrições — porque lá muitos americanos o receberam também.

Cecília, assim como Henriqueta, manteve contato com Mistral pessoalmente, e também por meio da correspondência e da leitura de sua obra. No diálogo epistolar estabelecido com Henriqueta, a escritora chilena será tema recorrente.

Em 1942, Gabriela Mistral vem à capital mineira para proferir duas conferências, uma sobre o Chile e outra sobre *O menino poeta*⁵, livro — na ocasião ainda no prelo — publicado por Henriqueta em 1943. Nessa conferência, ao falar da poesia de Henriqueta, descreve também a escritora:

Recordo-me a primeira vez que vi Henriqueta Lisboa. Ela se parecia com seus livros, coisa que poucas vezes acontece. Um corpo de menina, parado na adolescência, um talhe de arbusto e não de árvore, um tamanho de retama. E, em contraste rotundo com essa infantilidade corporal, uma conversação madura, sem banalidade alguma (MISTRAL, 1944).

A admiração parece ser mútua, como se observa em uma carta escrita por Henriqueta a Mário de Andrade em 11 de julho de 1940: “Espírito buscador ela chamou-me. Contudo, junto dela, eu me senti tão comodista. Que grande alma, que grande sinal de Deus naquela frente como que repousar”⁶.

A admiração de Henriqueta em relação à “grande alma” também se mostra por meio de seu trabalho de tradução. Ao debruçar-se sobre os versos da poetisa, Henriqueta faz-se leitora atenta e realiza um trabalho, como destaca Reinaldo Marques (2001), marcado por refinamento, capacidade inventiva e assimilação do mundo e da poética dos escritores por ela traduzidos. Refinamento e sensibilidade reconhecidos nas cartas de Mistral: “Su traducción me honra y me salva dentro de su lengua”, afirma a escritora, enfatizando suas idéias da necessidade de integração intelectual da América Hispânica com o Brasil, na qual o idioma era a primeira barreira a ser ultrapassada.

A atividade de tradução também é responsável pela intensificação do convívio epistolar, uma vez que representa a possibilidade da integração desejada pela escritora chilena. As cartas trocadas e motivadas pelo trabalho de tradução funcionam como uma espécie de laboratório do texto literário, considerando que a cada tradução ocorre uma “transcrição”. Henriqueta traduziu sessenta e um poemas e sete textos em prosa de Mistral, o que evidencia certa predileção pela obra da poetisa, se compararmos aos números de poemas traduzidos de outros autores.

A amizade entre Henriqueta e Gabriela Mistral tem início ao se conhecerem na Academia Carioca de Letras, no Rio de Janeiro. Mistral, na conferência sobre *O menino poeta*, fala dessa amizade e dos laços que as une:

A Henriqueta Lisboa e a mim, prendem-nos dois ofícios, um duro, outro agradável: ensinar e fazer canção. Razão por que lhe dediquei aquela amizade rápida que lembra, não uma experiência nova, mas o reponte de algo antigo e em vez de descoberta, uma recuperação (MISTRAL, 1944).

A amizade descrita por Mistral aparece como um sentimento idealizado, um reencontro: uma “amizade antiga”, uma “recuperação” de algo já existente e os ofícios que as une, a poesia e o magistério, irão guiar o diálogo principalmente por meio da correspondência. Cada uma a sua maneira participou de forma atuante dessas duas instâncias, duas vias que foram historicamente facilitadoras do acesso da mulher à vida pública.

Magistério e Literatura: projetos entrecruzados

O magistério foi a entrada oficial das mulheres de classe média e alta na vida pública, uma vez que possibilitou seu acesso ao mundo do trabalho. Guacira Lopes Louro, em *Mulheres na sala de aula*, destaca a importância do magistério no processo de emancipação feminina e atenta para as discussões, desde o século XIX,

que geraram polêmicas em torno do assunto. Em relação à educação da mulher, ao seu ingresso no magistério, prevaleceu a concepção da maternidade enquanto vocação feminina e a da atuação na sala de aula como extensão dessa vocação. Tanto Henriqueta quanto Gabriela enveredaram pelos caminhos da educação. Henriqueta, inicialmente como normalista, depois como inspetora federal do ensino secundário e posteriormente como professora universitária; Gabriela também se dedicou ao ensino, foi professora e teve uma notável trajetória como educadora tanto em seu país quanto no exterior.

No caso de Mistral se apreende a concepção de mestra como uma vocação maternal, como se observa em sua “Oración de la maestra”, traduzida por Henriqueta: “Dame el ser más madre que las madres, para poder amar y defender como ellas lo que no es carne de mis carnes” (MARQUES, 2001, p. 424). Seu declarado amor à infância, enfatizado em seus discursos e em seus versos, pode, de alguma forma, ter contribuído para o que Ana Pizarro destaca como a construção em torno de seu nome da imagem de “la maestra frente a sus alumnas de delantal blanco, de la madre de América” (PIZARRO, 2005, p. 13), perfil apontado por um discurso conservador e monolítico.

Cabe ressaltar que tanto Henriqueta quanto Gabriela realizam certa transferência da missão de educar para o plano da literatura, pode-se dizer que elas fizeram da poesia uma forma de educar. Não que se prestassem a realizar uma poesia didática, mas, certamente estavam cientes da importância da literatura no processo de formação do leitor. Sobre o tema, é esclarecedora uma carta de Henriqueta a Helena Antipoff, em 29 de novembro de 1973:

Mas ao educando em geral (educandos somos todos, perenemente, se me permite o alvitre...), a poesia pode ser auspiciosa. Considero-a, em estágio virtual, como força interior capaz de transfigurar seres e cousas, até mesmo capaz de salvar o mundo, hoje sob o domínio do materialismo, e paralelamente, da angústia.⁷

Como força salvadora, a poesia transcende o objetivo, o que não impede que seja usada como fator básico da educação, para aprimorar a sensibilidade e incentivar a imaginação do educando. E quando esse educando se constitui no público infante-juvenil, a preocupação em participar, por meio da literatura, em seu processo de formação fica mais evidente. Henriqueta destacou-se na literatura infantil com a publicação de *O menino poeta* e organizou, nos anos 60, duas coletâneas para a infância e juventude, reunindo vários poetas dentre os quais se encontra Gabriela Mistral. Em suas obras direcionadas ao público infante-juvenil, manteve-se fiel a seu conceito de poesia como arte que deve levar à compreensão dos seres e das coisas, para além dos reinos da inteligência.

Parece ter sido, portanto, na busca da construção de um mundo melhor, que a trajetória de Henriqueta Lisboa e de Gabriela Mistral se aproximam e revelam as semelhanças entre as poetisas. Semelhanças que podem ser apreendidas e estudadas nos paratextos que narram parte de suas histórias, ou seja, nas correspondências, nas anotações, nos papéis guardados, nas entrevistas, elementos que nos permitem compreender o convívio intelectual e o entrecruzamento de duas vidas por meio do ensinar e do fazer canção.

Referências

LOURO, Guacira Lopes. *Mulheres na sala de aula. História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2001.

MARQUES, Reinaldo. Henriqueta Lisboa e o ofício da tradução. In: MARQUES, Reinaldo; FARIAS, Maria Eneida Victor (Orgs.). *Henriqueta Lisboa: poesia traduzida*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

MISTRAL, Gabriela. A poesia infantil de Henriqueta Lisboa. *A Manhã*, Belo Horizonte, 26 mar. 1944.

PIZARRO, Ana. *Gabriela Mistral: el proyecto de Lucila*. Santiago: Lom Ediciones, 2005.

Notas

¹ Este trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — CNPq — Brasil.

² As cartas de Gabriela Mistral a Henriqueta Lisboa encontram-se no Acervo de Escritores Mineiros da UFMG.

³ Gabriela Mistral fez sua primeira viagem ao Brasil em 1927, retorna ao país em 1937 e se instala no Brasil durante o período de 1940 a 1945, exercendo o cargo de Consulesa do Chile.

⁴ As cartas de Cecília Meireles a Henriqueta Lisboa, citadas neste trabalho, encontram-se no Acervo de Escritores Mineiros, na UFMG.

⁵ A conferência de Gabriela Mistral sobre o livro de Henriqueta foi inserida mais tarde na reedição de *O menino poeta*, em 1975.

⁶ As cartas de Henriqueta Lisboa a Mário de Andrade se encontram nos arquivos do escritor.

⁷ A carta em questão encontra-se no Acervo de Escritores Mineiros, na UFMG.